

Psicanálise na arte, a Arte na psicanálise: Parte 6

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Foi visto no artigo anterior que do mesmo modo que desejo pode ser apenas ilusão, pode também ser, dentro de um certo sentido, realização. Afinal existe tanto uma *necessidade do desejar*, mesmo que na dimensão do ilusório, como também uma verdadeira *produtividade desse desejar* que possui expressão na realidade através das diversas manifestações culturais ou mesmo de conquistas materiais reais.

A psicanálise entende que a **natureza última** do desejo é algo no campo do impossível, de cuja vivência mesma nos é absolutamente interdita, irrealizável, inalcançável, ou ainda, algo inteiramente obscuro para nós. No entanto, como nos diz a psicanalista Maria Rita Kehl, “*não é assim que se dá nossa experiência cotidiana como sujeitos desejantes*”¹. No modo cotidiano de expressar nossos desejos o “*lugar dos objetos do desejo é a realidade*”², isto é, no universo dos objetos ditos reais.

No nosso mundo sensível não há muito o que falar do âmago *Do Desejo*, mas apenas de desejos desviados dessa essência primária desconhecida. Desejos esses que são sucedâneos e que se dirigem aos objetos secundários que nos surgem à consciência como objetos possíveis de serem alcançados.

É sabido que “real” é tudo aquilo que se diferencia dos frutos de nossa imaginação ou mais ainda, das experiências alucinatórias (percepção sem objeto). Mas a autora psicanalista em pauta aponta que a coisa não é tão simples como parece quando se constata que aquilo que o psiquismo imagina ou mesmo alucina, se baseia em alguma experiência que já foi experimentada com algum objeto da realidade, não havendo nenhuma garantia a respeito de nossa objetividade. Isto é, de como percebemos e nos relacionamos com esses objetos ditos reais

Mas uma coisa podemos afirmar: não é o “*céu que é o limite*” e sim o *corpo*. Pois quando falamos em realidade temos que lembrar de que esta pressupõe tudo aquilo que está no limite entre a vida e a morte. E o pai da psicanálise é muito claro e contundente nesse sentido quando demonstra que a *satisfação real* é toda aquela capaz

¹ Kehl, Maria Rita. *O Desejo da Realidade. O Desejo*. Org. Adauto Novaes. Companhia Das Letras. RJ, 1990. Pg.363.

² idem

de levar em conta a sobrevivência do nosso corpo. Dimensão corporal que é como lembra Maria Rita Kehl, “o último reduto que consegue se opor à onipotência do pensamento”.

Então: é esse corpo o primeiro a denunciar que se trata de um engodo esses objetos imaginários ou alucinatorios de satisfação de desejos que o psiquismo cria na sua tentativa de auto-suficiência. Esse próprio corpo continua enviando sinais de alarme do desconforto vigente até que um outro objeto venha aplaca-lo. Estes objetos capazes de atender a essas necessidades do corpo é que chamamos aqui de *objetos reais*.

Mais uma vez Kehl em seu acurado trabalho alerta que “a prova do corpo não pode ser a única prova dos novos da realidade, uma vez que para além da **realidade imediata**³ vivemos a realidade de uma determinada cultura, um campo de objetos e percepções que ultrapassa em muito aquilo que é do alcance da carne; um vasto campo simbólico no qual **prazer e desprazer vão depender de um código compartilhado**⁴”.

Ela demonstra que inclusive os prazeres vividos como “do corpo”, isto é, experimentadas fisicamente, fazem parte desse “código” tão externo ao nosso psiquismo como qualquer objeto concreto que o corpo se apropria para sobreviver, como por exemplo água e comida.

O que a autora chama de “código” irei chamar de “conjunto” para facilitar nosso entendimento. Então: real seria tudo aquilo que faz parte de um conjunto de valores de uma determinada cultura. Ou ainda, real é todo objeto e toda relação que a cultura que o sujeito pertence reconhece como tal. E aqui, já adiantando, a arte *latu sensu*, como uma das expressões mais importantes da cultura.

Por outro lado, mesmo esse conjunto convencionalizado de uma determinada cultura que poderíamos incluir como prova de realidade, mereceu a desconfiança da psicanálise, pois é também o campo privilegiado das neuroses e das falsificações de nosso juízo crítico, onde podemos “deformar” a dita realidade. Apesar disso, dessa possibilidade de falsificações e deformações, esse código cultural cria um campo de realidade sensível, ideológica e social.

Talvez nesse momento o texto nos pareça confuso. Mas o esforço aqui é demonstrar que divisar os limites entre o que é real e irreal não é uma tarefa muito simples. O importante é desconfiar de modo crítico desses conceitos rígidos entre “o que é” e “o que não é” real e das “*adaptações exageradas*” às exigências da realidade que

³ Grifo meu

⁴ Grifo meu

muitas vezes estão a serviço das patologias. Enfermidades essas que acabam por inibir a curiosidade, a criatividade e a salutar “*insubordinação*” aos cânones dos manuais morais do que deve e não deve ser aceito.

Com esse espírito crítico, deve-se caminhar ao encontro do que Maria Rita Kehl chama de um recuo a um “*programa mínimo*” para a definição do campo social da realidade. Mas, alerta: “*desde que não se perca de vista o limite da carne*”. Pois mesmo entendendo que determinadas experiências como isolamentos místicos, ideológicos, políticos, existenciais retratem realidades para além dos códigos, não se pode “*desatender totalmente os critérios do corpo sob pena de morte – e a morte é o fim de qualquer possibilidade*”.⁵

A autora, portanto, continua com Freud: “*o critério último e irreduzível da realidade ainda é o que situa as possibilidades da vida diante das certezas da morte*”.⁶

A realidade que trazemos aqui é o que para o leigo é compreendido como a humana realidade, isto é, um arranjo entre as criações da nossa realidade psíquica (o que entendemos como realidade) e as imposições da realidade externa (realidade material). Podemos aceitar como fazendo parte do real, inclusive, as deformações que o desejo produz nessa mesma realidade, pois são próprias do ser humano. Afinal a realidade psíquica é as vezes tão “concreta” como a dita realidade material. Em síntese: o desejo e suas formas de se manifestar não seriam menos reais do que o sol nascente e o sol poente que marcam o dia.

A autora registra numa passagem lapidar de seu trabalho o que buscamos ilustrar sobre a complexidade de se separar o que é ilusão ou verdade no campo do desejo: “*para além da onipotência do pensamento existe o pensamento e sua potência, cujos limites nunca conhecemos o suficiente*”.⁷

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).

⁵ Kehl, Maria Rita. *O Desejo da Realidade*. **O Desejo**. Org. Adauto Novaes. Companhia Das Letras. RJ, 1990. Pg.365.

⁶ Idem.

⁷ Idem. Pg. 365-366